



VERSOS AO JULIO

UM GATO FIDALGO

Sempre ha gatos hêm felizes!
 Ora vê tu, meu Julinho,
 Com que meiguice e carinho
 Este bichano é tratado:
 Vê tu como elle se estende
 No collo da sua dona,
 Qual em macia poltrona
 Um conselheiro de estado!

Tem tudo que pôde um gato
 Appetecer n'esta vida:
 A bella sôpa fervida
 De carne, ou fígado, ou bofé,
 Carapau e pão de bico,
 Queijo londrino, bolacha,
 E uma bola de borracha
 P'ra as horas de regabofé!

Não é bicho que se occupe
 Na faina de caçar ratos;
 Isso é trabalho p'ra os gatos
 Que andam no beco á matroca...
 Dorme, come, enfim diverte-se
 E a trabalhar não se cansa,
 Pois não no assusta a lembrança
 De lhe faltar paparoca.

De manhã, logo que á pressa
 O soberbo almoço trinca,
 Corre, salta, pula e brinca
 P'ra melhor fazer o chlylo;

E quando das correrias
 Afinal se sente moll',
 Resona estendido ao sol
 Que é um gosto a gente ouvil-o...

Passa em summa n'este mundo
 Vida alegre e descuidada,
 Sem lhe faltar nada, nada,
 De quanto exigir se pôde,
 Pois se a dona — vê tu isto —
 Té lhe trouxe de presente
 Uma escova e mais um pente
 P'ra lhe alizar o bigode!

Mas enquanto este bichano
 Gosa em constante alegria
 Os feros de fidalguia
 Que lhe vem d'um bisavô,
 Ha outros gatos miserrimos
 Que andam por ahi nos telhados
 Comendo uns tristes bocados
 Do pão que o demo amassou...

A eterna, a pungente historia
 De todo o genero humano
 E' como a d'esse bichano
 Que eu venho de te contar:
 Uns vivem á luz do sol
 Sobre alcátifas de alfombra,
 Outros expiram na sombra
 Sem pão, sem cama e sem lar!

D. MARIA DO U.

DE LISBOA A PARIS

Meus meninos, eis-me outra vez convosco e espero prender-vos a atenção, porque não ha nada que mais encanto do que a narração de viagens, feitas atravez de paizes de variados aspectos da natureza, e de historia, leis e usos diversos.

Pude, emfim, realizar um dos pensamentos mais insistentes e queridos da minha vida.

Veiu a fortuna em meu auxilio, personalisada n'um amigo querido e nobre como os que mais o são, o sr. visconde d'Asarujinha.

A's 6 horas e 40 minutos da tarde do dia 26 de agosto ultimo, partimos no *expresso* do caminho de ferro, por entre as amenidades da mais linda tarde de um ardentissimo dia de verão.

Tudo condizia com os sentimentos de melancolica saudade, que por força dominam o espirito de quem, pela primeira vez, se ausenta da patria, isto é, a terra que nos foi berço, a melhor das mães e amigos dignos d'esse nome tão apreciavel.

Alta noite passámos a imponente ponte do Tejo, obra querida de um meu patricio, verdadeiro genio, uma das maiores glorias da engenharia portugueza, João Evangelista d'Abreu, tão precocemente roubado á vida e, já antes d'isso, infelicissimamente subtraído o espirito a toda aquella intellectualidade, que fôra tão admiravelmente luminosa!

Aqui rendo tributo de saudade e admiração a este meu condiscipulo e patricio.

Compraz e é justo prestar homenagem a todo o estrenuo e infatigavel obreiro do progresso e grandeza material ou moral do seu paiz.

Pouco depois saudámos a nossa conhecida e hospiteira *Abrantes*, e mais para a madrugada *Castello de Vide*, a terra da lealdade e do patriotismo, terra querida d'el-rei D. Diniz, patria do famoso Mousinho da Silveira, antigo quartel do 8 d'infanteria, que tão brilhante parte teve na grande victoria do Bussaco, moradia da prestantissima familia Lecoq, que teve a gloria de dar a Portugal um dos mais habéis agricultores e um dos mais prestimosos engenheiros. Não devo esquecer o meu saudoso amigo, ancião venerando, sacerdote respeitavel, digno prior da matriz de Santa Maria da Deveza, o reverendo padre Mouta.

É sempre penoso o momento da passagem da patria para a terra estrangeira, e alli a natureza confirma o amor da patria portugueza, pois se passa de um paiz alegre, de opulenta vegetação, para outro arido, triste, onde em muitissimas leguas de extensão, ás vezes de horizonte a horizonte, não se avista uma casa, uma arvore, um riacho, ou então são oliveiras anãs, vinhas rachiticas, casebres que inculcam miseria.

Está transposta *Valencia d'Alcantara*, que tem assignalado logar na historia de Portugal, porque em seus campos se pelejaram duros combates por causa da nossa independencia nos seculos xiv, xvii e xviii.

Foi pois em terra estranha que nos raiou o sol do dia 27 e como elle vinha afoqueado, promettedor de um dia ardente!

A's 11 horas da manhã parávamos na estação de *Talavera de la Reyna*.

Aqui tivemos a grande satisfação de encontrar, após muitos annos, em que nos não vimos, um amigo muito apreciavel, o sr. Francisco Travassos Valdez, outr'ora com muita proficiencia dado ás letras e ao serviço do seu paiz e hoje utilmente entregue ao commercio.

O comboio segue sua vertiginosa marcha.

Passámos *Torrijos*, em que se notam um grandioso convento e uma elegante torre. Mais adiante, á direita, sobre um pouco elevado monte, ergue-se um grande castello, cujas formosas ruinas chamam logo a atenção. É *Oropesa*, patria do famoso navegador do seculo xiv, Lourenço Ferrer Maldonado, que escreveu a relação de uma viagem do Atlantico para o Pacifico pelo N. O., relação a que os geographos hodiernos fazem mais justiça.

Continua o mesmo aspecto da paisagem, triste e monotonu. Essas vastas campinas, que dão optimos trigaes e alimenta a excellente raça de carneiros *merinos*, de lá sem rival, não perderia a sua riqueza, antes a multiplicaria com arvoredo que lhe refrescasse a athmosfera e o torrão, e alimentasse nascentes e rios, que dessedentassem os rebanhos e favorecessem uma cultura mais adiantada e productora.

Este aspecto triste e confrangedor da natureza vae até ás portas de Madrid, aonde chegámos ás 4 horas da tarde.

Da estação das *Delicias* passámos, pela linha de circumvalação, para a estação do *Norte*, acompanhados e muito obsequiados por um empregado bastante qualificado da companhia dos caminhos de ferro hespanhoes, e que obedia ao seu natural obsequiador e ás recommendações instantes dos chefes dos caminhos de ferro portuguezes e hespanhoes.

É justo aqui declarar que somos devedores de muita gratidão aos empregados hespanhoes e francezes, tanto dos caminhos de ferro, como das alfandegas, os quaes, sem ser preciso mostrar as cartas de recommendação que o meu companheiro levava do ministerio de negocios estrangeiros portuguez, sempre nos trataram com as maiores attentões, a ponto de nunca tocarem em nossas bagagens.

Fique já aqui lançada tambem esta observação, feita ao atravessarmos a Hespanha. O modo de vestir dos hespanhoes mudou completamente. Já se não vêem, ou é rarissimo vêr aquelles trages pittorescos e mui conformes a uma nacionalidade ardente e original.

Então de Madrid só vimos a frontaria da escola de veterinaria, as portas de *Toledo* e de *S. Vicente*, os jardins e parte posterior do pa-

lacio real e as celebres *americas*, isto é, a constante feira da ladra de Madrid.

Partimos da estação do *Norte* ás 5 horas.

Ainda a paizagem é desapravizel, mas já não são planícies immensas, mas terras penhascosas e grandes serranias asperas e desgraciosas, apenas amenizadas por olivedos pouco frondosos e azinhaes, de um verde escuro e triste.

Causa pena vêr mettido entre esses brenhos o magnifico *Escorial*, repositório admiravel de magnificencias artisticas e monumento da famosa batalha de São Quentino, ganha pelos hespanhoes sobre os francezes em 1557.

Não se pôde resistir aos instantes offercimentos das graciosas vendedoras das celebres pastilhas de chocolate de Mathias Lopes, nobre exemplo do que pôde o trabalho intelligente e perseverante.

De humilde operário chegou a ser opulentissimo industrial, de justa preponderancia na terra de sua moradia, que mui patrioticamente representa em côrtes.

Põe-se o sol por detraz das asperas serranias, em cujas faldas assenta o gigantesco edificio de Filippe II, mas como é diverso do pôr do sol do meu Portugal, avistado da serra de *Monsanto*, ou mesmo do *Aterro da Boa Vista!*

Como é mais bello vêr immergir-se o sol no oceano, rodeado de magnificencias da mais variegada e viva luz, reflectida no espelho brilhantissimo do magestoso Tejo?

(*Continúa*)

SILVA FIGUEIRA.

ULTIMAS PHRASES

Estas ou parecidas devem ser as que proferem os que *dizem adeus* ao mundo:

«Isto está a desabar.» — UM PEDREIRO.

«Parto sem uma recommendação.» — UM DESEMPREGADO.

«Luz, luz, mais luz, muita mais luz, e depois d'esta luz ainda mais luz.» — UM DIRECTOR DA COMPANHIA DO GAZ.

«Foram-se os feitos.» — UM ALFAIATE.

«Morro! e gratis, que é o que mais sinto.»

— UM AGIOTA.

«Dois e dois, vinte e dois. A raiz cubica de 3 elevada ao cubo é 3, a parallaxe, a hypotenusa e...» — UM MATHEMATICO.

«Amen!» — UM SACRISTÃO.

«Cai o panno.» — UM PONTO.

«De porta!» — UM JOGADOR.

«Estão fechadas as nossas contas. Sou com muita estima de Vm.^{ce} Am.^o e M.^{to} Obg.^o» — UM NEGOCIANTE.

«A quantos estamos do mez?» — UM EMPREGADO.

«Dou a minha demissão.» — UM MINISTRO.

«Dêem-me corda, que estou quasi sem ella!» — UM RELOJEIRO.

«Peço a palavra contra!» — UM DEPUTADO.

«E agora o que sou? masculino, feminino ou neutro!» — UM GRAMMATICO.

«Quem vem lá?» — UMA SENTINELLA.

«Isto é que é um pastel!» — UM TYPOGRAPHO.

«Vamos a ver!» — UM CEGO.

«Ponto na questão.» — UM JORNALISTA.

«Está fechada a sessão.» — O PRESIDENTE DE UMA ASSEMBLÉA.

«Vai!» — UM COCHEIRO.

«Consummatum est!» — UM PADRE.

«Lá se vai o barco a pique!» — UM MARITIMO.

«É o ultimo acto!» — UM ACTOR.

«Cumpra-se.» — UM JUIZ.

«Fiat justitia.» — UM ADVOGADO.

«Mais um para o monturo?» — UM POETA REALISTA.

«Leva-me ó lua contigo.» — UM POETA LYRICO.

«Não haver Deus!» — UM ATHEU.

DIALOGOS INSTRUCTIVOS

O LINHO E O CANHAMO

(*Continuação*)

— O cordel já eu tenho visto fabricar — declarar Octavio. — O operario vae torcendo os fios, andando para traz, ao mesmo tempo que outra pessoa faz girar uma roda de madeira. As cordas grossas é que eu nunca vi fazer.

— As cordas compõem-se de muitos fios torcidos juntos. Ha-as de diversas grossuras. As que se empregam na gymnastica e nos botes são bastante grossas, menos, contudo, do que as que servem na marinha. Ha cordas nos navios que são mais grossas que o seu braço, meu menino; teem o nome de cabos.

— Fallou ha pouco do linho: ora diga-me, esta planta differe muito do cânhamo? — perguntou o estudante.

— O cânhamo e o linho são plantas que se semeiam e se colhem todos os annos; cultivam-se nos mesmos logares; teem uma e outra uma casca textil, isto é, que pôde ser tecida, e das sementes extrahese um oleo, chamado oleo de linhaça.

«O cânhamo é uma planta de flôrinhãs verdes, sem brilho, e de cheiro repugnante. Cresce direita e vigorosa, excedendo na altura um homem alto; não assim o linho, que nunca chega á cintura de qualquer pessoa. O linho enfeita-se com umas flôrinhãs de azul claro, muito agradaveis á vista.

«A semente do cânhamo, chamada linhaça, é de côr pardacenta e de fórma redonda. Fornece menos oleo que a do linho; esta é mais pequena, de fórma oval e de côr escura.

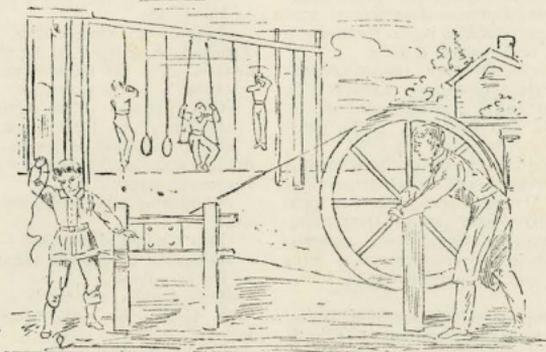
«A casca do cânhamo é bastante grossa; a do linho, pelo contrario, de extraordinaria finura.

«E' com o linho, depois de preparado, que se fazem os tecidos mais finos, a cambrã, o tulle, a gaze, as rendas e as linhas para coser. A preparação de certos fios destinados ás rendas é de tal modo trabalhosa, que o preço por kilogramma chega a centenas de mil réis.

— Não é de certo com esses fios que se fazem as rodilhas da cosinha — disse rindo a Therezinha.

— Diz muito bem, minha menina. O linho

arbusto que se cria sem cultura nas montanhas da Algeria. D'esta planta extrahem-se filamentos delgadinhos, com que se fabricam chapéus, esteiras e cestinhos delicados. Algumas especies



O operario vai torcendo os fios andando para traz...

emprega-se nas obras de luxo, e o cânhamo nas mais ordinarias e fortes.

— Taes como toalhas, guardanapos, lenços, lençoens, saccos, etc.

— E' com o panno feito de cânhamo — pro-

de aloes possuem as mesmas qualidades, e tanto que os indios da Guyana utilisam-nas para vestuario, para rédes de dormir, para vélas dos barcos, etc. Ha muitas outras plantas cujas folhas ou casca servem para fabricar tapetes, cor-



...as tendas ou barracas que servem de abrigo aos soldados nos acampamentos...

seguiu o tecelão — que se talham as vélas dos navios, algumas tão grossas que parecem coiro; as tendas ou barracas que dão abrigo aos soldados nos acampamentos; as mangueiras e os baldes para acudir aos incendios, e até se fazem tapetes d'aquelle tecido.

— Como esta esteira — observou Octavio.

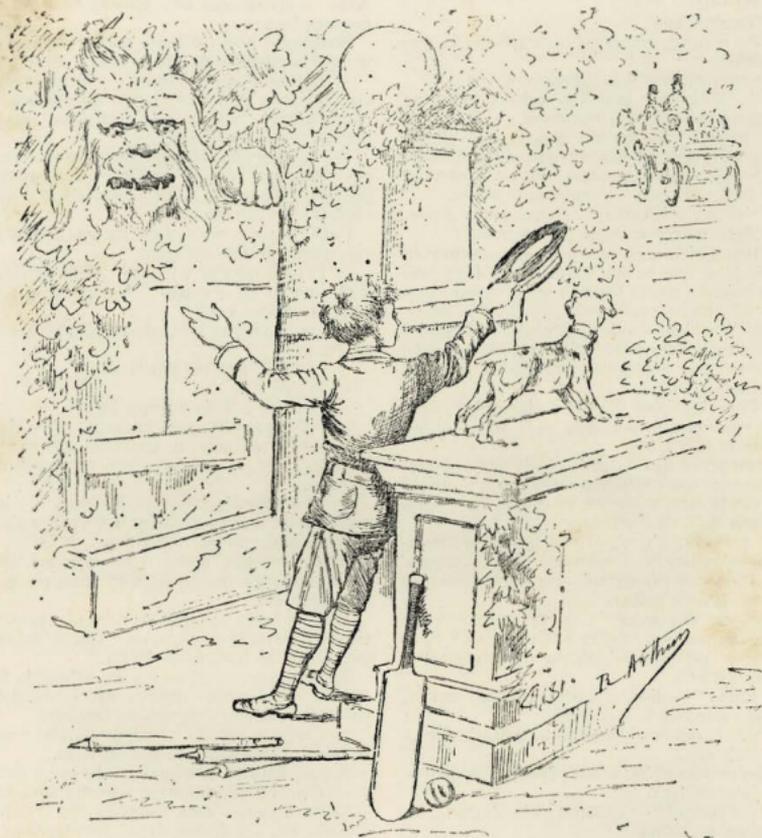
— Não, menino, esta esteira é feita de *alfa*,

das, saccos, etc.: o esparto é uma d'ellas.

— Essas plantas tambem dão oleo, como o cânhamo e o linho? — perguntou o nosso estudante.

— Não, meu menino. Fallo n'ellas porque rivalizam com a estôpa do cânhamo na fabricação das cordas.

(*Continúa*).



O QUE VALE SER CONDESCENDENTE



ra no verão. A família de Alberto, que possuía uma formosa quinta próximo a Linda-a-Pastora, fôra para lá passar a estação calmosa. As sombras do denso arvoredo, a frescura do ribeiro que atravessava a quinta, o aroma das flores do bem cuidado jardim, tornavam deliciosa aquella aprazível vivenda.

Alberto, apenas começaram as ferias, sahiu do collegio e foi tambem para a quinta. As suas tres irmãs fizeram-lhe grandê festa, porque, além de o estimarem, era mais um companheiro para as alegres brincadeiras.

As tardes era curioso vel os no jardim. Corriam como doidos por entre as placas, escondiam-se nos maciços de verdura, inventavam

jogos engraçados, punham em pratica alguns que tinham visto descriptos no *Jornal da infancia*, n'uma palavra, riam e brincavam na mais pura amisade.

N'uma tarde, porém, os brinquedos foram interrompidos. Tinha-se acabado o jantar, estava-se ao café, quando o pae de Ernesto disse voltando-se para a esposa:

— Vamos nós um bocado á feira de Belem?

— Como quizeres — respondeu a dona da casa.

— Vamos! vamos! — gritaram a um tempo as tres meninas, radiantes de entusiasmo.

— Esperem lá, não se enthusiasmem tanto. Nem todos podem ir, porque não cabem no trem,

— Eu vou!
 — Tambeu eu!
 — Eu não fico em casa! — acudiram as tres irmãsinhas.

O nosso Alberto ficou silencioso.
 — Já lhes disse que não cabem todos na carruagem — observou novamente o pae.

As terriveis manasinhas desataram a chorar n'um grande berreiro, fazendo gestos de amuadas.

— Se não se accommodam, não vae nenhuma; ficam todas em casa — ameaçou a mamã.

— Vae só o Alberto — accrescentou o pae.
 O choro terminou como por encanto.

— Bom; visto mostrarem ter juizo, vamos lá combinar o que se ha de fazer. A feira não acaba hoje, ha muito tempo para lá voltar; mas como não tenho preferencias pelos meus filhos, porque os estimo a todos por igual, e não quero usar do meu poder para indicar aquelle que deve ficar em casa, proponho para que a exclusão seja tirada á sorte.

— Pois sim! pois sim! — exclamaram as galantes meninas, esperançada cada uma em ser favorecida pela sorte.

Cortaram-se quatro pedaços de papel, escrevendo-se em tres d'elles a palavra *feira*; o quarto ficou em branco, e a quem elle pertencesse seria condemnado a ficar em casa.

Os papelinhos foram em seguida cuidadosamente embrulhados e mettidos n'uma chavena.

Todos estes preparativos se verificaram em meio de grande galhofa.

Cada um dos manos tirou um papelinho. As pequenitas estavam agora muito serias e mostravam-se commovidas, não se atrevendo a desenrolar a *sorte*.

— Então? — disse o Alberto com um sorriso, notando a indecisão das irmãs.

— Vê tu primeiro — murmurou a Mariquinhas.

— Pois sim.
 Alberto desenrolou o seu papelito, no qual se lia a palavra *feira*.

— Eu escapei! — exclamou elle alegremente.

— Agora as manas.

As manas continuavam irresolutas; para as decidir, o pae interviu:

— Se não se aviam, ficam todas cá. D'aqui a pouco é noite.

A Mariquinhas desembrolhou o seu papel, e começou a pular de contente, porque lá estava a palavra *feira*; sem lhe faltar uma lettra.

Restavam a Julia e a Alice. Estavam ambas muito pallidas e a tremer. Mas não havia remedio, era necessario decidir, porque o papá já pedira o chapéu. Desenrolaram ao mesmo tempo os papéis. Alice desatou ás gargalhadas, Julia prorompeu em choro, porque o seu maldito papel estava branco que nem uma parede caiada de fresco.

— Eu não quero saber de papéis... — choramigou ella. — Tambem quero ir...

— Ora essa! — exclamou a Mariquinhas. — Deves sugear-te á sorte, como nós nos sugueitamos.

— Se eu tirasse o papel branco, — acudiu a

Alice — aposto que não querias ficar em casa em meu lugar?

Sómente o nosso Alberto não protestava contra a feia rebellião da mana Julia.

— Digam o que quiserem, — declarou ella — eu é que não fico sendo a gata borralheira. Era o que faltava: vossés irem divertir-se, comprar bonitos, e eu aqui presa!

O pae interviu, fazendo ver á rebelde quanto era censuravel o seu procedimento, terminando por dizer-lhe que era elle, e não a sorte, que a obrigava a ficar em casa.

Então é que a nossa Julia chorou a bom chorar, n'uma grande afflicção.

— O meu querido papásinho, leve-me á feira, senão morro de desgosto! — supplicou ella, beijando as mãos do pae.

N'este momento o bondoso Alberto tomou a palavra:

— O papá, faça me um favor.

— O que é?

— Deixe ir a Julia no meu lugar.

— Não, que seria uma injustiça. Além de lhe pertencer a ella ficar, tu tens mais direito a distincções, porque de certo não te abundam no collegio.

— Ora conceda-me o que lhe peço! — insistiu Alberto. — Dá-me mais prazer o poder alegrar a mana Julia, do que ver a feira.

Novas recusas, novos rogos, até que, afinal, o pae consentiu na troca. Consentiu porque tivera uma idéa.

D'alli a nada, os paes e os tres manos partiam na carruagem, e o nosso Alberto foi dizer-lhes adeus do terrado do jardim.

Era já noite quando a familia voltou da feira.

Julia vinha muito triste e até se lhe notava nas faces evidentes signaes de lagrimas.

— Que tens, Julia? — perguntou-lhe o nosso Alberto. — Succedeu-te alguma coisa?

A pequenita não respondeu, e desatou a chorar.

— Ora vão lá entender a minha filha Julia; — disse o pae — tanto empenho em ir á feira, e afinal, em vez de alegria, só tem lagrimas.

Alice e a Mariquinhas, sobraçavam duas lindas bonecas francezas, vestidas de seda. A Julia não tinha nada: eis o motivo do seu desgosto. Fôra o castigo que lhe infligira o pae.

— Agora falta o premio da tua condescendencia, Alberto.

Um criado trouxe uma canastra, que vinha cheia com os melhores brinquedos da feira.

— Ah! tens Alberto — disse o justiciero pae.

— Se alguma vez tiveres de ficar em casa por causa da mana Julia, tens ahí muita coisa para te entreteres.

A mana Julia chorou lagrimas amargas; mas consta-me que no futuro foi mais respeitadora das determinações da sorte.

MATTOS MOREIRA.



O CARVÃO



pedra *preciosa* de maior valor. Pois comtudo eu não quero falar-lhes do *diamante*, que tambem é carvão.

— Ah! esse sim, esse é uma pedra preciosa. Fazem-se com elle ornamentos nos brinços, pulseiras, aneis, collares, etc. Esse sim! é uma bonita pedra *preciosa* como o *rubi*, como a *esmeralda*, como a *saphira* azul, como a *amethysta* roxa, com que se enfeitam as senhoras. Agora o carvão, essa pedra preta que nos suja todos, que nos lembra logo a cara feia do carvoeiro, pôde lá ser pedra *preciosa*. Nada, não senhor. — E' isto pouco mais ou menos o que estarão pensando depois de terem lido as primeiras linhas d'este artigo.

Pois enganam-se, meus senhores; o carvão é que é uma verdadeira pedra *preciosa*. Essas de que me falam servem para que? Para enfeites das senhoras? só e mais nada, não é verdade? pois bem! ouçam-me agora um bocadinho, tenham paciência, e vejam lá para que lhes serve o carvão, para que serve elle a todos nós.

Ah! as pedras preciosas servem para os enfeites das senhoras? pois olhem, o carvão é para toda a gente a maior fonte de calor e de luz, depois do sol.

E' com elle que nos aquecemos no inverno, chegando-nos com prazer para o fogão ou para a *lareira* n'aquellas longas noites em que o vento norte nos congela e repassa o corpo; é com o carvão que a cozinheira aquece e prepara todos os nossos alimentos; é com o carvão que se fazem mover os caminhos de ferro e os barcos a vapor, em que nos transportamos sempre que temos precisão de ir a um ou outro ponto da superficie do mundo; é com o carvão que se fazem trabalhar as machinas de vapor, com que se moem os cereaes para fazer farinha ou com que, em Lisboa por exemplo, se extrahem dos pontos mais baixos as aguas de beber para as levar ás eminencias da cidade, etc.

E' com o carvão que se prepara o gaz que serve para illuminar as ruas e as casas; mas ainda mais: dos residuos que ficam depois de extrahido o gaz, sabem o que ainda se tira? — uma quantidade enorme de cousas muito diversas, por exemplo: a *parafina* de que se fazem velas; as côres anilinas com que hoje se estampam aquellas bonitas fazendas à *pompadour* com que se vestem as senhoras; e dá ainda, além de muitos outros productos o *coke* que vem servir para os nossos fogões de sala e de cozinha.

Aqui teem pois quanto vale o carvão. O *diamante* tem muito valor porque é raro, e torna-se por isso um objecto de luxo que só poucas

pessoas podem ter; mas não nos serve para nada.

Uma pedrinha do tamanho de uma ervilha pôde custar muitos contos de réis, enquanto uma carroçada de carvão de pedra mil vezes mais barata põe ao alcance de qualquer pessoa muitas e variadas utilidades. Agora o que não sabem, por certo, é de onde vem, e o que é o carvão. Dir-lho-hemos no proximo numero.

VICTOR RIBEIRO.

O TIGRE

(Continuação)

«Por fim de contas, disse eu já muito perto do animal que tão grande susto me causára, o leão da America não passa de um borrego.

«Quando domesticado como este está, observou Wilson.

E, approximando-se do puma, passou-lhe a mão pelo lombo.

O animal ergueu-se e roçou-se-lhe pelas pernas. «Perfeitamente um gato domestico, tornou Wilson, continuando a aflagal-o.

«Que medonha roncadura! exclamou Perdriel.

«Prova de que está contente, disse o dono, dando uma palmada na anca do animal. Isto é o bicho mais manso e mais fiel que eu conheço.

«Tem-n'o ha muito tempo? perguntou Gutierrez.

«Ha seis annos.

«E não receia que elle um dia se enfureça...

«Qual! acudiu Wilson; não consta que jamais resultasse o menor accidente da convivencia com estes animaes. O celebre actor Kean tinha um, que o seguia como um cão.

«Pois, meus amigos, disse eu, o sr. Buffon enganou-me bem.

«E a mim! — exclamaram Perdriel e Gutierrez a um tempo.

«O Buffon, explicou Wilson, confundiu o puma com o jaguar e com o coati caranguejeiro, a que Cuvier chamou *ursus cancrivorus*, animal da Guyana, da familia dos ursos, que se sustenta de caranguejos, e cuja pelle é muito estimada. Arranjou um mixtifloro com estes tres bichos, que lhe não posso perdoar; porque em fim um naturalista não deve fazer obra pelo que ouve dizer, senão pelo que vê e examina detidamente.

«Segue-se que o jaguar é que é de temer.

«Como diz. O jaguar ou *felis onça* é que é para assim dizer o tigre d'esta parte do mundo, a que chamam nova, quando é muitissimo mais velha que o azeite e o vinagre nas tendas. Mas apesar de toda a sua ferocidade, apesar de, n'um abrir e fechar de olhos, dar cabo da presa, está muito longe do tigre asiatico.

«O sr. Wilson presenciou alguma lucha do leão com o tigre?

«Já me admirava que me não viessem com essa pergunta. Os combates de leões e tigres, tão decantados pelos poetas e escriptores classicos, são rarissimos, meus amigos. O leão não pôde

atacar o tigre em Africa, porque em Africa não ha tigres; e o tigre, por seu lado, não poderia encontrar o leão, que se acha ausente da maior parte da Asia. Só nos limites do Indústão é que os dous terribes rivais se poderiam achar na presença um do outro. Se não fosse esse cantinho da terra, que serve de hyphen aos dous tyrannos da natureza animal — e ainda assim ignora-se completamente em que circumstancias e como elles se atacam — os combates de leões e tigres teriam tanto de chimericos como os combates dos dragões e dos centauros.

(Continúa)

FRANCISCO DE ALMEIDA.



ALEGRIAS

— Ai! sr. cura, deite-me a sua benção; eu não ando em graça.

— Que dizes, meu filho?

— Não ando, não, senhor — respondia lastimoso um pobre camponez. — Todas as noites, ao passar junto ao muro do cemiterio, me persegue uma alma do outro mundo!

— Então que figura tem o tal phantasma?

Olhe, sr. cura, eu ainda não pude vêr bem, mas parece mesmo um burro.

— Não seas medroso: isso ha de ser a tua sombra.

Eis como um deputado terminou o seu discurso:

«Sr. presidente, a rectidão do meu character exigia que eu não ficasse silencioso n'este assumpto. Ahi fica desenrolada a minha bandeira. Taa são as minhas idéas e como as concebo. (Como-as com sebo).

Que lhe façam bom proveito.

Um banqueiro convidou para jantar um violinista celebre — pretexto para o ouvir tocar.

— Então, meu caro artista, trouxe a sua rebéca?

— Não, senhor; a minha rebéca nunca janta fóra de casa.

Encostara-se alta noite á esquina d'uma rua solitaria um bêbedo incorrigivel, quando vê acercar-se um vulto. Approxima-se d'elle e diz-lhe:

— Alto! vou dar cabo de ti!

O desconhecido sorriu ao vêr o estado do borracho, e responde-lhe, mostrando-lhe os pulsos:

— Primeiro apalpa!

O bêbedo apalpou, effectivamente, e depois de reflectir um instante, replicou:

— Segue o teu caminho. Prefiro esperar por outro.

HORAS ENTRETIDAS

141 — ENIGMA

(RETRIBUÇÃO AOS EXIMOS CHARADISTAS TRAVESSO & C.^ª)

O meu todo é formado
De duas partes eguaes
Quatro letras consoantes
E outras quatro vogaes.

A oitava equal á quarta
Setima equal á terceira
A sexta equal á segunda
A quinta equal á primeira.

É bonitinho o enigma,
Mas difficil de matar;
Sómente darás com elle
Se uma planta fóres buscar.

Monchique

CUNHA & C.^ª

142 — PROVERBIO COM SUPPRESSÃO DE CONSOANTES

.o.e..o.e..a..ci.a.e.o.e

HERMINIA

143 — CHARADA

De minhas irnãs scu a mais alta — 1
Eu no ponto faço immensa falta — 1
Deitado ou de pé não faço bulha
Mas preso p'los braços sou um gru'ha.

FANTOCH.

141 — CHARADA NOVISSIMA

Não sou eu que te trato, porque te não vc'jo — 1 — 2

Monchique

CUNHA & C.^ª

145 — CHARADA NOVISSIMA

N'este mundo todos temos uma ave — 1 — 1

Vizeu

O PEQUENO ANTONISHO.

146 — CHARADA NOVISSIMA

Este rio na lyra e no corpo humano, é nome proprio — 1 — 1 — 2

HERMINIA

147 — CHARADA EM RHOMBO

Lá vae uma consoante
Que ha de parar n'esta villa
Se d'elle beber um quarto
Prende um cordão á mochila
Pois com vogal é que parto.

.
.
.
.
.
.
.

Vizeu

Bébé.

148 — CARTA ENIGMATICA POR SYLLABAS

Meu caro Bébé :

Com a primeira e terceira, matei o teu metagramma, e enterrei-o na quinta e segunda.

D'esta acção cruel, fiz á quarta na primeira, o que me rendeu uma valente descompostura dada pela quarta e terceira, a qual se achava perto da quarta e quinta; e me disse, que, visto eu não ser primeira, quarta e quinta, tambem não podia ser o todo.

Sempre teu amigo certo

O PEQUENO ANTONISHO.

Vizeu — outubro de 1883.

SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

132, Escravo — 133, Escola — 134, Leopardo — 135, Matututu — 136, Pope — 137, Papagaio — 138, Perola — 139, Onça — 140, Ceia.